

Preconceito à flor da pele

Pesquisa sobre psoríase, doença crônica caracterizada por lesões avermelhadas pelo corpo, mostra que portadores sofrem com estigma

» CAROLINA LENOIR

Belo Horizonte — Em tempos de culto exacerbado à beleza, quem se sente desconfortável na própria pele vive um dilema diário: assumir suas imperfeições ou camuflá-las? No caso dos portadores de psoríase — uma doença crônica de pele caracterizada por lesões espessas e avermelhadas, cobertas por placas —, a questão vai além da estética e resvala no preconceito alimentado pela desinformação. Uma pesquisa realizada pelo Ibope com 602 pessoas em oito capitais brasileiras, inclusive Belo Horizonte e Brasília, revelou que somente 7% dos entrevistados conhecem a doença e 86% não namorariam ou teriam relação sexual com um portador dessa condição.

O estudo demonstra com clareza o estigma e a exclusão social sofridos pelos portadores de psoríase — 83% dos entrevistados afirmaram que não entrariam numa mesma piscina com os pacientes; 68% não contratariam um profissional com a doença para uma posição gerencial; 20% não sairiam em locais públicos acompanhados por portadores; e 73% não comeriam uma refeição preparada por um paciente. Os resultados da pesquisa serviram de base para um artigo publicado na *Revista Brasileira de Medicina*, em que se discutem as razões para as respostas negativas.

A dermatologista Ana Carolina Belini Bazán Arruda, que participou do artigo, explica que os resultados da pesquisa chamaram a atenção mesmo de quem está acostumado com a doença. “Como médicos que lidam com a psoríase, tínhamos uma percepção, mas não a medida exata disso, principalmente em relação ao desconhecimento. O preconceito quantificado assusta.”

Desinformação

Alguns fatores contribuem para a falta de informação sobre a doença, como o fato de a maior parte dos pacientes não gostar de falar sobre a psoríase e preferir escondê-la. “Algumas campanhas trabalham a questão da conscientização, como as ações realizadas pela Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD) no Dia Mundial da Psoríase, em 29 de outubro. O objetivo é tirar a doença das sombras. As pessoas precisam saber que ela não é contagiosa e não traz nenhum mal a quem está do lado do portador”, diz Ana Carolina. De acordo com a dermatologista, muitas pessoas ainda associam as placas vermelhas e descamativas à hanseníase e à sarna.

Além da conscientização da população, as informações da pesquisa são bastante úteis também para a classe médica. Elas ajudam a entender a melhor forma de tratar os pacientes. A maior parte dos casos, cerca de 70%, é diagnosticada como leve, mas, para o portador, pode representar uma piora extrema na qualidade de vida. “Se tem um impacto muito grande, pode ser tratada de uma forma mais agressiva. Por isso, apesar de termos índices a partir de questionários e avaliações clínicas que ajudam a classificar a doença como leve, moderada ou severa, é importante a conversa com o paciente”, afirma Ana Carolina.

A psoríase tem tratamento e controle, mas não tem cura. O paciente pode ficar muito bem,

sem lesões, mas com uso de medicamentos. “Até pode ocorrer de ele não ter uma recidiva sem tomar a medicação, mas é bem raro. Os próprios pacientes têm que saber que há tratamento, que a qualidade de vida pode melhorar muito”, acrescenta. Por se tratar de uma doença crônica, o tratamento é para toda a vida, mesmo com os altos e baixos da doença.

Terapia

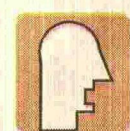
A pedagoga Alcione Aguiar Souza, 50 anos, sabe bem disso.

Inflamação crônica

A psoríase é uma doença inflamatória e crônica da pele, relacionada à transmissão genética, e cujas lesões se apresentam principalmente nos joelhos e nos cotovelos, no couro cabeludo, nas palmas das mãos e nas solas dos pés.

Causas

Pesquisas sugerem que 30% dos pacientes têm histórico da doença na família. A psoríase apresenta períodos de exacerbações e remissões, sendo desencadeada principalmente por:



Estresse emocional



Infecções na garganta



Medicamentos



Traumas ou irritações na pele



Baixa umidade do ar

Tipos

Vulgar ou em placas — é a mais comum, atinge 90% dos pacientes e se apresenta como lesões avermelhadas e descamativas, principalmente nos joelhos, nos cotovelos e no couro cabeludo.

Invertida — lesões que atingem as dobras da pele, como a região axilar, a submamária e a da virilha, nas quais as escamas são mínimas ou ausentes.

Gutata — pequenas lesões em forma de gotas, que podem aparecer de forma abrupta no tronco, nos braços e nas coxas. Essa forma é relacionada a processos infecciosos, principalmente da garganta.

Ungueal — caracterizada por depressões, espessamento e/ou manchas amareladas nas unhas das mãos e dos pés.

Pustulosa — provoca lesões com pus, localizadas nas palmas e plantas.

Artrite psoriásica — apresenta inflamações nas cartilagens e articulações, promovendo dor, dificuldades nos movimentos e alterações na forma dessas estruturas.

Eritodérmica — lesões generalizadas, que abrangem mais de 90% do corpo.



Dados

A psoríase afeta quase **3%** da população

Atinge igualmente homens e mulheres



Normalmente, aparece entre os 20 e 40 anos, mas pode surgir em qualquer fase da vida

No Brasil, há cerca de 5 milhões de pacientes com a doença



Pode causar impactos psicológicos significativos

A doença é associada com um risco maior para desenvolver obesidade, diabetes melito, hipertensão e depressão



Pablo Alejandro/CB/D.A Press

Fonte: Sociedade Brasileira de Dermatologia

» Outros dados

63%

acham que é uma doença rara

53%

acreditam que a psoríase não se limita à pele

44%

afirmam que é uma doença contagiosa

60%

imaginam que a doença tem cura

73%

não iriam a um dentista com psoríase grave

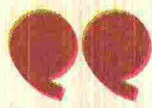
72%

não levariam o filho ao pediatra com psoríase



Como médicos que lidam com a psoríase, tínhamos uma percepção, mas não a medida exata disso, principalmente em relação ao desconhecimento. O preconceito quantificado assusta”

Ana Carolina Belini Bazán Arruda, dermatologista



Tem épocas em que a psoríase melhora e até some, mas tenho períodos de piora. Tem que gostar muito de si mesmo e estar atento, para tentar frear a tempo. Nem sempre dá”

Alcione Aguiar Souza, pedagoga e portadora de psoríase há 15 anos